

O clima como motor da mudança de paradigma na indústria do turismo em Cabo Verde (Ilha do Sal)

Ana Monteiro
Departamento de Geografia da FLUP
Via Panorâmica s/nº, 4150 Porto, Portugal
Telef (351)919698402, Fax (351) 226077150
Mail -anamonteirosousa@gmail.com

Resumo

As características climáticas da Ilha do Sal (Cabo Verde) correspondem às expectativas da maioria dos cidadãos urbanos no que respeita à homotermia, luminosidade e secura. São estes atributos de clima e estado de tempo que atraem a maioria dos turistas provenientes de países desenvolvidos das latitudes médias onde a duração do dia e da noite, a amplitude térmica diurna e nocturna, a precipitação, a humidade relativa, a nebulosidade e o vento dificultam as actividades de lazer e recreio ao ar livre.

O aumento da procura turística no Sal aumentou exponencialmente nos últimos anos conduzindo a um crescimento da impermeabilização dos solos e a um incremento da volumetria do espaço edificado que não foi acompanhada pelo surgimento de medidas de internalização local dos dividendos desta actividade económica, nem pela harmonização entre os modus vivendi dos locais e dos visitantes.

A fraca percepção local da valorização atribuída por terceiros ao recurso natural Clima, não permitiu ainda utilizar este factor como desencadeante de uma nova atitude no ordenamento e na tipificação da oferta.

Para isso, seria necessário transformar a vocação do turismo e modificar o paradigma passando o actual Turismo de Sol e Mar para Ecoturismo.

1. Introdução

O turismo é uma indústria mas também um conceito. Cada tipo de turismo (Fig. 1) arrasta consigo um cortejo de atitudes diverso tanto no relacionamento com a sociedade local como com o suporte biogeofísico onde acontece. No Sal (Cabo Verde) a opção tem sido pelo Turismo de Sol e Mar.

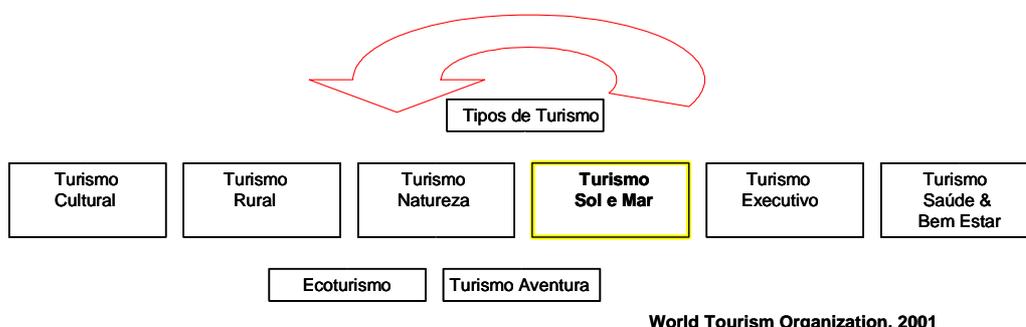


Fig. 1 – Tipos de turismo.

A escolha de um tipo de turismo de Sol e Mar resultou de uma leitura da actividade como uma indústria em que o clima e os estados de tempo são interpretados como uma matéria-prima renovável, gratuita e ilimitada.

O mosaico climático propiciador de excelente conforto bioclimático para o recreio e lazer ao ar livre é um factor de produção ao qual não é atribuído qualquer custo e que serve apenas, de cenário para recriar uma artificialização do território facilitadora da recriação de condições para a oferta de modos de vida idênticos aos que os potenciais clientes têm no seu local de residência.

Esta opção muito lucrativa, já que a maioria dos factores de produção são baratos, atraiu sobretudo investimento estrangeiro, no sentido lato do termo, que reconstruiu o espaço de acordo com modelos internacionais de conforto e com padrões culturais de outras latitudes.

A paisagem do Sal reflecte já os impactes negativos gerados sempre que emerge uma dissociação profunda entre a localização geográfica dos recursos naturais e a de quem tem a posse dos mesmos. Neste caso é o clima como noutros é o petróleo, o ouro, os diamantes ou qualquer recurso natural muito valorizado pela economia de mercado.

A utilização de um território que não nos pertence, ou que percebemos como não sendo de ninguém, desencadeia, individual e colectivamente, relacionamentos diversos e frequentemente mais predadores do que os que temos com aquele que entendemos como nosso.

O Turismo de Sol e Mar em Cabo Verde, como em muitos outros exemplos, tem-se desenvolvido à custa de uma rotação contínua de vastos contingentes de população flutuante que assimila o lugar para onde vai fruir de lazer e recreio como o terraço nas traseiras da sua casa. É um espaço ignorado do qual se retém apenas o conforto bioclimático propiciado pelo clima e pelo mar enquanto se está. Um espaço em que se consome apenas o presente dificulta a assumpção de atitudes de respeito pela capacidade de carga do ecossistema.

2. O Turismo na Ilha do Sal (Cabo Verde)

A Ilha do Sal é uma das ilhas mais pequenas e mais aplanadas do arquipélago de Cabo Verde (Fig.2). Tem a menor pluviosidade total anual média do arquipélago (60mm) e apenas 220 hectares de terra arável. Até aos anos 80 a actividade económica mais expressiva no Sal foi a exploração das suas salinas.

Á exiguidade no que toca quer ao solo com aptidão de uso agrícola e florestal, quer no que respeita à ocorrência de precipitação e quer quanto à disponibilidade de recursos hídricos de água doce acrescentaram-se a morfologia e o sítio e posição geográfica do Sal para explicar que fosse praticamente desabitadas até há cerca de 60 anos quando foi construído o aeroporto internacional de Cabo Verde - Aeroporto Amílcar Cabral (1939). Este surgiu, por iniciativa italiana, da necessidade de existência de um ponto de

escala para as rotas aéreas de ligação com a América do Sul e não como resposta a qualquer necessidade interna.

Ilha	Superfície		Altitude m	Pluvio- metria mm/ano	Terra arável	
	km ²	%			ha	%
S. Antão	785	19,3	1979	237	8800	21,4
S. Vicente	230	5,6	750	93	450	1,1
S. Nicolau	347	8,5	1312	142	2000	4,9
Sal	221	5,4	406	60	220	0,5
Boa Vista	628	15,4	387	68	500	1,2
Maio	275	6,8	437	150	660	1,6
Santiago	1007	24,7	1394	321	21500	52,3
Fogo	470	11,5	2829	495	5900	14,4
Brava	63	1,5	976	268	1060	2,6
S. Luzia	46	1,1				
Total (C.Verde)	4033	100		230	41090	100

Fonte: Schéma Directeur pour la mise en valeur des Ressources Hydriques

Fig. 2 -

Esta infra-estrutura aeroportuária foi aliás, responsável pela construção da primeira rede hoteleira (Morambeza) cuja função principal era alojar o pessoal de bordo das diversas companhias aéreas.

Após a independência do país e com a acesa conflitualidade política existente em África, a posição geoestratégica do Sal emergiu com grande visibilidade já que passou também a servir de ponto de paragem e abastecimento dos contendores de leste e de ocidente que apoiaram as partes envolvidas na disputa de territórios no continente africano.

Esta vocação de plataforma giratória para a rotação de viajantes e de militares de outras latitudes propiciou o reconhecimento generalizado das excelentes características climáticas da ilha do Sal para a fruição de lazer e recreio ao ar livre.

A temperatura média do ar entre 20°C e 25°C, uma água do mar com temperatura média entre os 21°C e os 25°C combinada com um escasso número de dias com precipitação num território com uma excelente infra-estrutura aeroportuária motivou o rápido desabrochar dos diversos complexos turísticos que hoje existem e fez do Sal a principal porta de entrada de turistas em Cabo Verde (Fig. 3).

Oferta Turística por Ilhas	Alojamento	Quartos	Camas
	Estrutura em %		
Santiago	23,8	15,3	13,7
S. Vicente	13,3	10,2	9,3
Sal	21,9	53,9	39,6
Boavista	6,7	5,7	6,4
Fogo	8,6	2,4	2,3
Sto Antão	12,4	5,4	4,2
Outros	13,3	5,1	4,6

Fonte: PROMEX, I.N.E., cálculos Banco de Cabo Verde

Fig.3 – Oferta turística em Cabo Verde (2001).

Entre 2000 e 2005 a entrada de turistas em Cabo Verde triplicou e passou a representar cerca de 50% da população residente (Fig.4). O Sal é o destino preferido pelos cerca de 250 000 turistas que visitam o arquipélago anualmente.

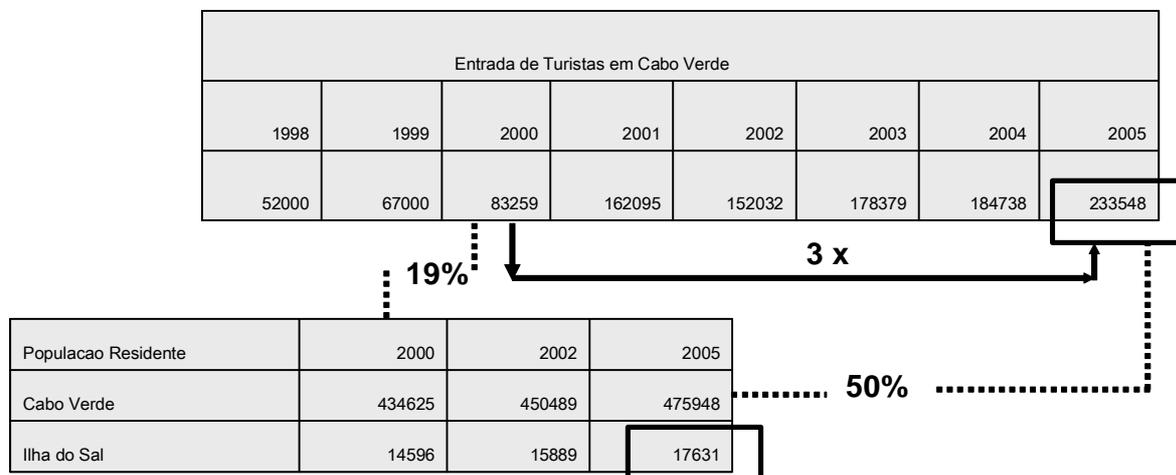


Fig. 4 – Entrada de turistas e população residente em Cabo Verde (INE, 2006).

Entre 2002 e 2005, o turismo conjuntamente com os serviços e as remessas dos emigrantes representava 70% do PIB cabo verdiano (Fig.5).

Indicadores macro-económicos	milhões Euros			
	2002	2003	2004	2005
Produto Interno Bruto*	674,4	721,2	749,5	827,7
PIB per Capita (USD)	1.649,3	1.761,3	1.815,0	1.915,0
PIB Agricultura	8,2%	9,7%	7,4%	5,2%
PIB Construção	7,2%	6,5%	7,8%	8,2%
PIB Indústria	7,8%	7,9%	7,2%	7,1%
PIB Pesca	1,7%	1,7%	1,2%	0,9%
PIB Serviços (excluindo Turismo e Serv. Bancários intermediários)	57,6%	56,3%	60,4%	59,8%
PIB Turismo	10,2%	10,9%	11,2%	10,4%
Remessas Emigrantes	72,6	86,3	79,4	99,8
Exportações	11,2	11,2	12,1	14,2
Importações	316,2	310,4	349,1	353,0
Investimento	192,0	189,7	194,4	270,6
Inflação	1,8%	1,2%	(1,9%)	1,7%
Taxa de Desemprego	16,2%	15,1%	17%	24,4%
Taxa de Actividade (Pop. Activa/Pop. Residente)	64,0%	-	-	-

* PIB a preços de mercado, inclui, além dos VAB sectoriais, taxas e impostos sobre importações (+) e serviços financeiros intermediários (-).

Diagram illustrating the composition of GDP in Cabo Verde from 2002 to 2005. A bracket groups PIB Turismo, Remessas Emigrantes, and PIB Serviços (excluding tourism and banking services) for the years 2002-2005, indicating they represent 70% of the total GDP. The unemployment rate in 2005 is highlighted with a dashed circle at 24.4%.

Fig.5 – Produto interno bruto em Cabo Verde (2000-2005).

A partir da década de 80, momento em que as salinas perderam importância, o turismo e o aeroporto passaram a ser os dois motivos de atracção de um vasto cortejo de residentes nas outras ilhas do arquipélago e um imenso conjunto de estrangeiros para o Sal.

O rápido crescimento populacional das últimas três décadas, concentrado sobretudo em Santa Maria (infra-estruturas turísticas) e em Espargos (infra-estrutura aeroportuária), desencadeou um aumento substantivo do emprego na construção civil e nos serviços de apoio ao turismo, gerando profundos impactos negativos e desequilíbrios sócio-económicos num território biofísicamente fragilizado.

3. O contexto climático do Sal enquanto recurso natural a valorizar

Os mosaicos climáticos em Cabo Verde inscrevem-se no tipo árido e semi-árido com fracas amplitudes térmicas diurnas e anuais e com pluviosidade fraca e irregular.

A estação mais seca, de Dezembro a Julho, é caracterizada por ventos constantes e a estação húmida, de Agosto a Outubro, pode, como acontece no Sal, não registar qualquer hidrometeoro durante vários anos seguidos.

O testemunho dos registos diários de temperatura, precipitação, humidade relativa e vento no Sal durante o período 1996-2006 (Fig. 6 a Fig. 11), revelam a homotermia e secura temperada pelos alísios que configura o quadro de conforto para qualquer ser humano viver ao ar livre sem carecer de protecção especial (ex: roupa, habitação, etc.).

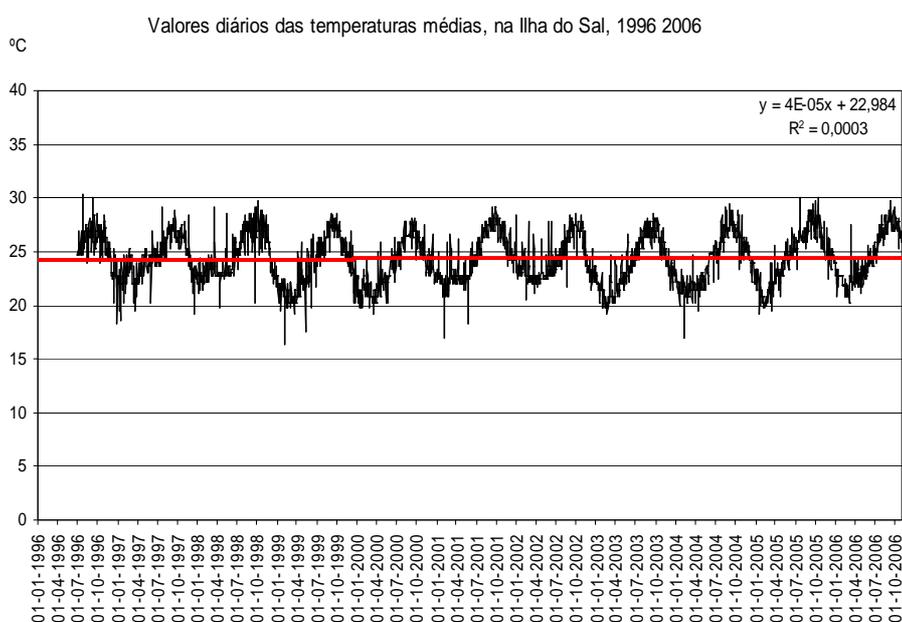


Fig.6 -

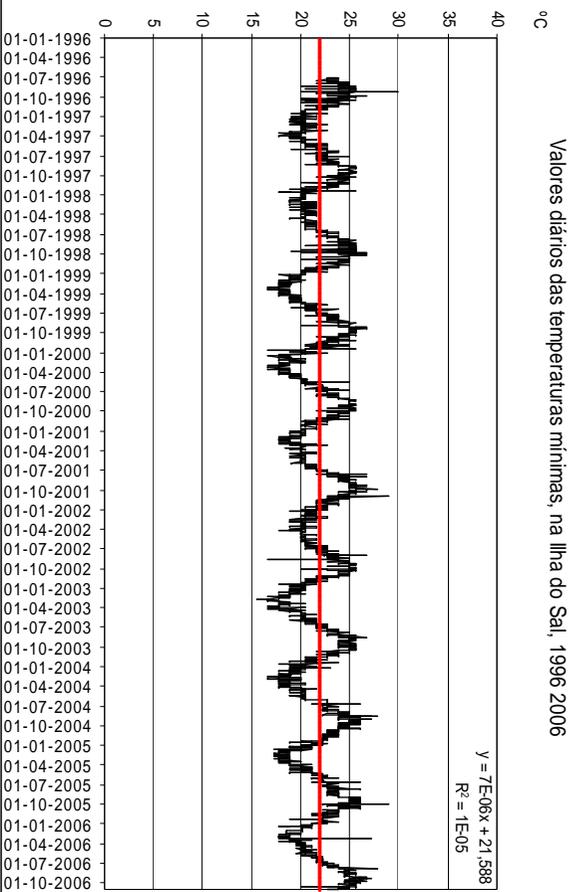


Fig.7 -

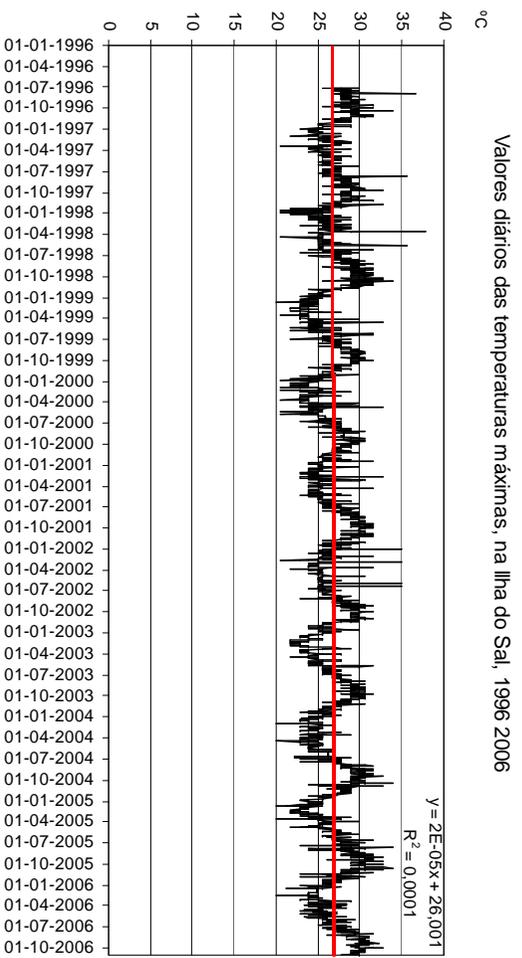


Fig. 8 -

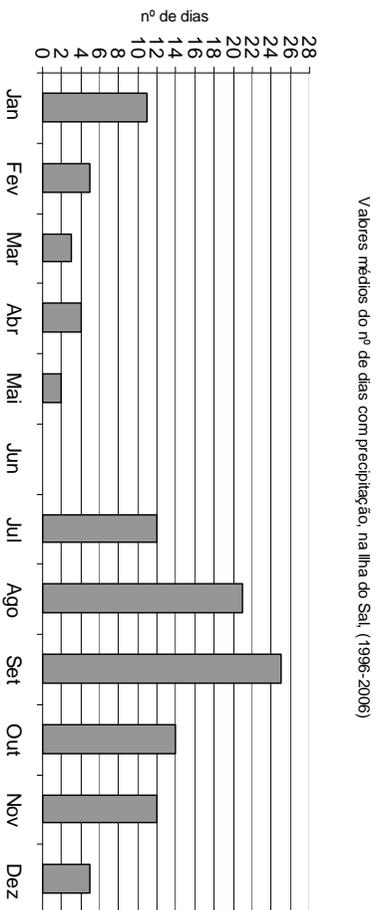


Fig. 9 -

Valores diários da velocidade média do vento, na Ilha do Sal (1996-2006)

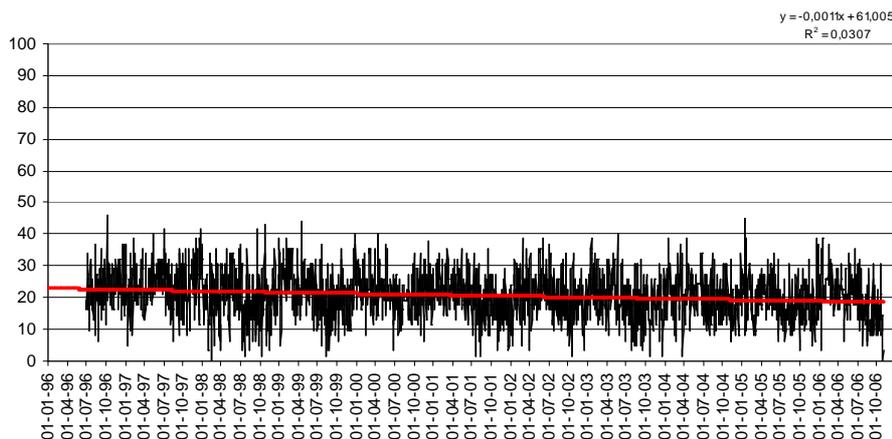


Fig. 10 -

Valores diários da humidade relativa máxima (%), na Ilha do Sal, 1996-2006

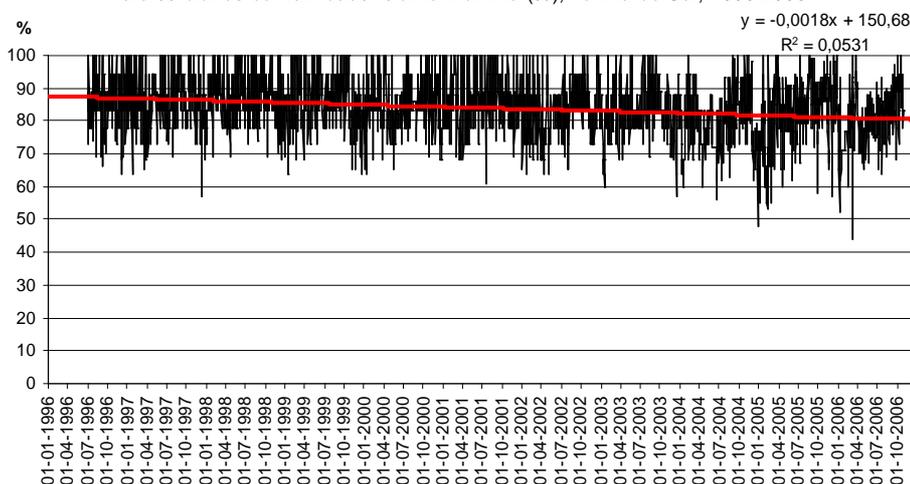


Fig. 11-

Estas condições termo-higrométricas e de luminosidade contínuas ao longo do ano e ideais para a prática de actividades ao ar livre associam-se à temperatura da água do mar sempre muito idêntica à do ar ambiente para fazer deste destino um garante de turismo de sol e mar.

Contudo, as respostas regionais do *sistema climático* não têm sido valorizadas pelos autóctones como um recurso natural efêmero e ao qual pode ser atribuído um preço.

Não tem havido, como também é hábito que aconteça neste tipo de conceito de turismo, uma internalização dos custos ambientais gerados pela actividade económica.

A opção, por exemplo, ao nível do desenho urbano, patenteia precisamente o alheamento desta actividade económica relativamente às características do ecossistema em que se desenvolve (Fig. 12).

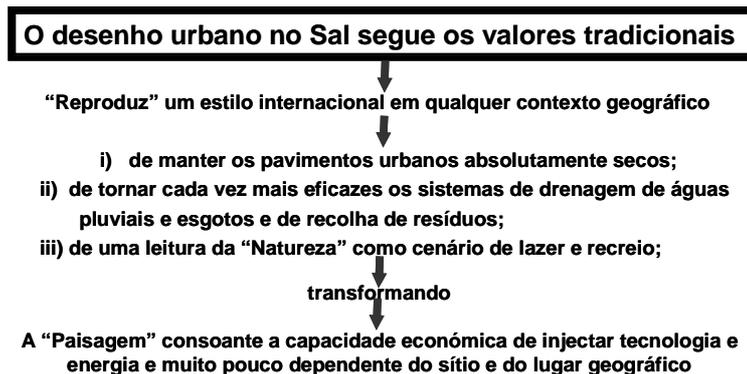


Fig. 12 – O *estilo internacional* do desenho urbano em detrimento das características locais.

A fruição do mosaico climático para o lazer e recreio é oferecida gratuitamente num conjunto de *resorts* que copiam o estilo internacional e que dificultam a identificação do visitante com o residente e com o ecossistema.

A oferta de sol e mar surge associada a uma rotina quotidiana que reproduz o *modus vivendi* do país de proveniência do visitante e raramente com o do local.

A ocupação do território é feita numa sequência de lotes perpendiculares ao mar que drena os turistas rapidamente para o mar. Toda a restante oferta complementar que apoia a estadia desenrola-se num espaço-ilha dentro do empreendimento turístico e procura oferecer condições semelhantes ou até melhores do que as que o turista tem no seu país de origem.

Neste quadro, por exemplo, a *secura*, apreciada no ar ambiente, não se reflecte na quantidade nem na qualidade da água disponibilizada para o uso doméstico, nem tampouco na dieta oferecida ao visitante. Em suma, o ciclo hidrológico e o *sistema climático* de que se alimenta não são percebidos pelo turista e, naturalmente, não são valorizados.

Esta opção de serviço gera, num ecossistema frágil como é o do Sal, impactes negativos de grande magnitude e, na maioria dos casos, irreversíveis.

Não existe praticamente *miscigenação* com a componente natural, social e económica exterior ao empreendimento. O espaço exterior é assertivamente ocultado ao visitante que também não é motivado a reconhecê-lo e a valorizá-lo.

Esta opção pela interpretação do turismo exclusivamente como uma indústria tem conduzido a um incremento de atitudes muito predadoras dos recursos naturais cujas consequências a médio e longo prazo são devastadoras. Depois de um crescimento rápido, os destinos que optam por este conceito, vêem-se abandonados e trocados por outros ainda virgens para onde se deslocizam investidores e turistas.

No caso da ilha do Sal e num momento em que a comunidade internacional dedica uma boa parte das suas preocupações em torno da compreensão do modo de funcionamento do *sistema climático* e das suas respostas à escala local, regional, zonal e global, seria de esperar que quem faz do clima a sua principal matéria-prima, valorizasse o recurso e procurasse mitigar os estímulos que podem desencadear resultados indesejáveis.

4. A mudança de paradigma em torno do clima

Valorizar o clima enquanto recurso natural implicaria, no Sal, mudar de paradigma e passar do turismo de sol e mar para um conceito de ecoturismo (ex: natureza, aventura, etc.).

Esta mudança permitiria desencadear uma oferta vocacionada para visitantes com outras motivações e com outras atitudes (Fig. 13).

MOTIVAÇÕES	ATITUDES
Fruir a natureza	Independência
Aprender	Introspecção
Reforçar relações familiares	Consideração pelos outros
Reduzir o stress	Estímulo
Partilhar valores	Vontade de ensinar/aprender
	Gosto pelo Risco
	Convívio com outros
	Conhecer novas pessoas
	Criatividade
	Nostalgia

Fig. 13 – Motivações e atitudes dinamizadas no ecoturismo.

A actividade de lazer e recreio que reconheça o valor do contexto climático *de per si* procura otimizar a oferta de outros produtos associados à natureza e ao seu ritmo.

Ao atribuir um preço ao clima e entendendo-o como um bem escasso, a actividade turística estará disponível a tomar decisões de investimento que gerem o menor número de impactes negativos possível e que garantam de uma maior longevidade e solidez das acções.

Esta mudança de paradigma ao incorporar o reconhecimento do clima como um bem escasso tem implícita uma atitude de respeito e de reconhecimento tanto do suporte biogeofísico como da sociedade. E, esta diversificação da oferta acaba por tornar a actividade menos vulnerável mesmo às mudanças climáticas globais.

Bibliografia

Agnew, M.D. and Palutikof, J.P., 2001: Impacts of climate on the demand for tourism. In *Proceedings of the First International Workshop on Climate, Tourism and Recreation*. A.Matzarakis and C. R. de Freitas (eds). International Society of Biometeorology, Commission on Climate Tourism and Recreation, Porto Carras, Halkidiki, Greece, December 2001, WP4, 1-10.

Davis, N.E., 1968: An optimum weather index. *Weather*, 23, 305-317.

Freitas, C.R. 1990: Recreation climate assessment. *International Journal of Climatology*, 10, 89-103.

Freitas, C.R., 2003: Tourism climatology: evaluating environmental information for decision making and business planning in recreation and tourism sector, *Int.J.Biometeorology*, 48, 45-54.

Lise, W., Tol, R.S.J., 2000: Impact of Climate on Tourism Demand, *Climate Change*, 55, 4, 429-449.

Masterton, J.M. and McNichol, D.W., 1981: A Recreation Climatology of the National Capital Region. Atmospheric Environment Service, Canada, Dept of the Environment, *Climatological Studies* No.34, 120 pp.

Mieczkowski, Z., 1985: The tourism climatic index: a method of evaluating world climates for tourism. *Canadian Geographer*, 29(3), 220-233.

Perry, A.H., 1997: Recreation and tourism, *Applied Climatology: Principles and Practice*. R.D. Thompson and Allen Perry (eds), Routledge, London, 240-248.

Palutikof J.P. (ed.), 1999: Weather Impacts on Natural Social and Economic Systems (WISE). *Final Report of work undertaken for the European Commission Directorate-General Research under contract ENV4-CT97-0448*, 1 November 1997 – 31 October 1999, 560 pp.